

# A NOSSA META ERA AZUL-TURQUESA

Léo Tavares

RESPONDI, QUANDO MINHA IRMÃ veio me visitar nas férias de verão. Eu tinha deixado bem abertas as duas janelas da sala, cuidando de afastar mais as cortinas da porta que dava para a sacada, por duas únicas razões:

para deixar que a luz entrasse melhor e ocupasse o ambiente ainda quase sem móveis, de forma a se alastrar pelas paredes recém-pintadas (tudo parece mais novo ou bem mais antigo banhado pela luminosidade do fim do dia)

para que ela visse que tenho uma sacada em meu apartamento

Era perto das cinco da tarde quando girei a chave e abri a porta branca com um suspense comedido. Queria que o branco da porta ficasse gravado no olhar de minha irmã, para que ela se deparasse então com o contraste em relação às paredes, e isto, se tudo desse certo, seria o primeiro de três pequenos sustos (o segundo, de acordo com a minha previsão, estava reservado para a vista da sacada).

Ansiosa por acompanhar as reações de minha irmã a observar minuciosamente a minha sala de estar, passei os olhos sobre os olhos dela, da esquerda para a direita, subindo devagarinho no momento em que ela brevemente focalizou o encontro da parede com o teto, e tornando a descer enquanto ela se deparava com uma banda da cortina esvoaçando para dentro. Tudo se saía conforme o planejado, e a cortina colaborava comigo, flanando em uma medida delicada, mas decidida, que chamava a atenção para maravilhas além da sala: a sacada com duas cadeiras de abrir, um banquinho de madeira pintado de branco, com um vaso de cacto pequenino sobre um paninho xadrez.

Mas ela não se deteve, para a minha surpresa e decepção, sobre a porta de correr que dava acesso à sacada. Enquanto ela mexia na bolsa à procura de um maço de cigarros eu observava a cortina se recolher em constrangimento, serpenteando de volta ao seu estado semicerrado.

Antes que eu pudesse convidá-la a se sentar comigo na sacada, para apreciarmos o vento fresco do fim de tarde, ela já tinha ocupado um lugar que me pareceu conquistado, entre os livros e as almofadas sobre o sofá. Expliquei que tudo estava espalhado, ainda em processo de organização, e mostrei a ela a estante vazia, as prateleiras limpas à espera de conteúdo.

Enquanto minha irmã me contava sobre os últimos exames de saúde do meu cunhado, eu olhava fixamente para a cor das minhas paredes. Foi somente depois de ter contado sobre a viagem à praia com as crianças, sobre como se tornava difícil tomar um simples banho de mar com três filhos em torno de você, o tempo todo, sobre como a vontade de tomar uma cerveja depois que eles finalmente haviam dormido se evaporava com o cansaço, e sobre como os dias passam rápido e você nem aproveita as férias porque tem filhos, e que inclusive você se cansa mais nas férias por ter filhos e um marido, foi só depois que ela me perguntou que cor era aquela.

Quando ela foi embora, esvaziei o cinzeiro e o guardei no armário, debaixo da pia. Peguei uma laranja e uma faca e fui me sentar em uma das cadeiras de abrir na sacada. Primeiro fiquei pensando em como omiti o nome verdadeiro da cor das paredes que pintei ainda ontem. Por realmente não saber que cor era aquela ou porque consegui uma cor tão estranha, tão distinta, por causa de um erro? Sempre quis uma sala azul-turquesa. Na loja de tintas me venderam uma lata que trazia um outro nome de azul, não me recordo a variação. O vendedor me mostrou uma cartela com as tonalidades, indicando que aquela lata que ele me recomendava tinha exatamente a cor que eu queria. A cor que eu queria, só que com outro nome. Depois de pintar as paredes

da minha sala com aquele azul, percebi que não era, nem de longe, o turquesa. O turquesa está nos limites do azul. Ele existe quando o azul está viajando, quase chegando, em direção ao verde.

O azul da minha parede era simplesmente um azul que era azul, banal e triste. Foi por isto que voltei à loja e comprei uma lata de tinta da cor cinza. Um cinza escuro, que alguns poderiam reconhecer como grafite. E simplesmente pintei este cinza sobre o azul-azul. A cor que está na parede agora ultrapassou consideravelmente as minhas expectativas, ainda que eu seja incapaz de identificar seu nome. Pela manhã é decididamente cinza. Ao meio dia o sol invade tudo, e se eu olhar diretamente para a parede, parece que vou ficar cega, então sequer me arrisco a adivinhar o tom. Mas lá pelas cinco da tarde, esta é a hora em que o turquesa aparece, o azul deixa um lastro depois que se olha, e me ponho então a olhar de novo para descobrir se estou sonhando.

Descasco a laranja com raiva ao me lembrar do desinteresse de minha irmã. Para ela a minha parede é banal, e os meus esforços não podem ser confessados, sob o risco de nos afastarmos ainda mais. Mas o que me intriga é a minha resposta quando ela perguntou que cor era aquela.

*A nossa meta era azul-turquesa.*

Por que *nossa* e não *minha meta*? A ideia de que ela percebeu este uso do possessivo no plural como uma tentativa patética de deixar implícito alguém que não existe me atinge em cheio. A vergonha vai traçando a rota final da faca sobre a casca da laranja, e é um caminho lento, sinuoso.

Depois que anoiteceu constatei que a cor da parede é simplesmente cinza. Joguei a laranja chupada no lixo da cozinha e voltei para a sala, para arrumar os livros na estante. Deixei a porta da sacada bem aberta porque ainda não comprei um ventilador. Mas a cortina permaneceu muda.

### **Léo Tavares**

Escritor e artista visual gaúcho. Mora em Brasília. Em 2014 publicou o livro de contos *Os Doentes em Torno da Caixa de Mesmer*, pela editora Modelo de Nuvem, vencedor do prêmio Contista Estreante da FestiPOA Literária, edição 2015.